

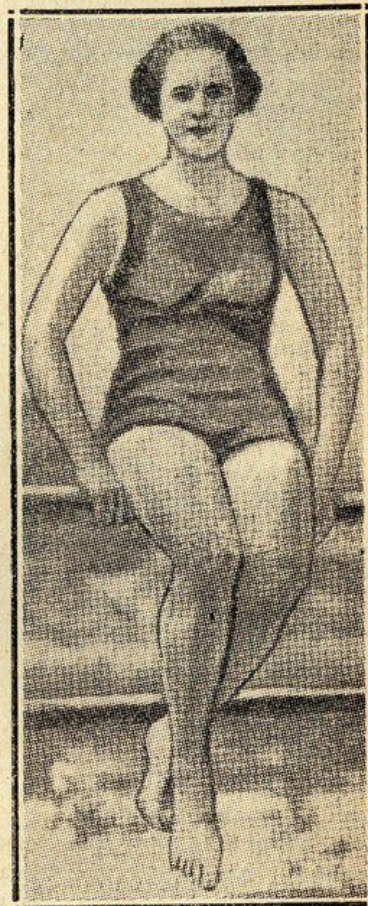
OS PROGRESSOS DO FEMINISMO

Os que se ateem, no que toca ao movimento social no Universo, a uma visão vaga e desatenta, teem, a proposito da luta pelas reivindicações feministas, a impressão de uma trégua. Engano profundo.

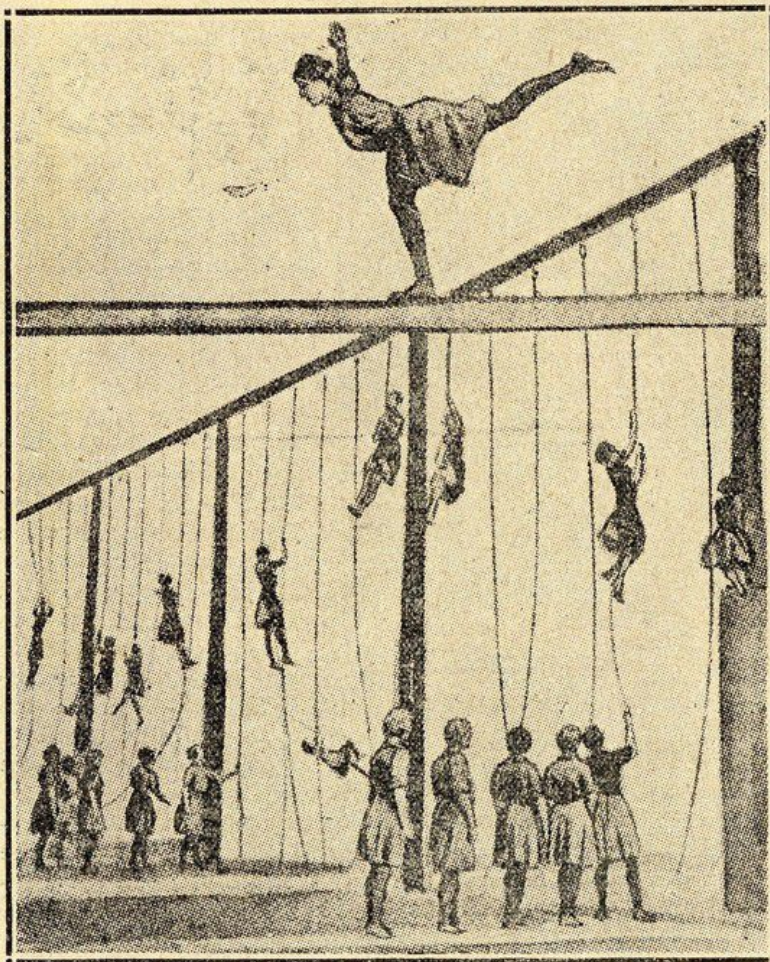
O feminismo avança em todo o mundo, irresistível, triunfante; e nenhuma revolução é tão notável como aquela que se está operando no mundo das mulheres. O que permite ao observador superficial e desatento a impressão de uma trégua, é a ausência daquelas manifestações ruidosas assinaladas por episódios dramáticos e não isentos de certo pitoresco, dos tempos da avó Pankurst, às quais a imprensa mundial dava fantasioso volume e que hoje se tornaram inúteis porque pode-se considerar vencida aquela resistência que tornava fatal essa acção agressiva e violenta. Essa resistência, que se consubstanciava na muralha espessa de preconceitos que tornava o homem renitente em reconhecer à mulher iguais direitos, foi vencida: por um lado, pela persistência na luta e pela justiça das pretensões das mulheres; por outro lado, pela revolução que, nos espíritos de ambos os sexos, as condições criadas pela Grande Guerra operaram. Chamada a substituir o homem na actividade social durante a guerra, a mulher

provou exuberantemente as capacidades que o homem se empenhava em negar-lhe e pôs ponto final à discussão estéril sobre a superioridade dos sexos. E, desde então, sem barulho e quasi sem hostilidade do sexo masculino — que antes da guerra se obstinava em a não considerar sua igual, — a mulher tem vindo assistindo ao incontestavel triunfo das suas aspirações.

Nunca, com efeito, as reivindicações femininas assu-



Gertrude Ederlé, nadadora olimpica americana que tentou recentemente a travessia da mancha.



Uma equipe feminina de ginastas nos jogos olímpicos de Estocolmo

miram as proporções de agora; nunca foi tão viva e intensa a campanha feminista. O seu internacionalismo dá-lhe uma força espantosa, invencível. A Europa encontra-se profundamente trabalhada pela sua acção. E não é só a Europa. São as Américas e ate o Oriente.

Duas são as principais organizações internacionais: A *Aliança Feminina* uma; o *Conselho Internacional das Mulheres*, a outra. A acção da primeira é mais caracterizadamente sufragista, mais demarcadamente política. A da segunda é mais social. Os problemas morais, educativos e económicos preocupam-na de preferência. Ambas estas organizações são poderosíssimas. Além do grande número de aderentes, dispõem de recursos monetários e de uma organização burocrática perfeitíssima e completa. Oxalá as organizações operárias internacionais se pudessem equiparar a essas internacionais feministas cuja



Lady Astor, a primeira mulher que entrou no parlamento inglês

montagem de serviços de administração e propaganda devia servir-lhes de padrão. A propaganda quer da *Aliança* quer do *Conselho*, surda, inteligente, tenaz e metódica, é admirável. E à margem dessa propaganda, que em toda a parte se intensifica e alarga, a mulher vai, no campo das realizações, vencendo palmo a palmo aquele terreno até há pouco julgado privativo do sexo que a si próprio se classifi-

cou de *forte*. O triunfo do ideal feminista, recebido a ponta de sátiras, é evidente e incontroverso.

Até neste ponto os conservadores—que, obsecados, proclamam ser esta a sua hora, — são batidos pela rajada revolucionária que sobe da alma popular e vai varrendo dos cérebros, até dos que teimam em querer ser conservadores, as velhas concepções sobre a mulher, que apenas em preconceitos se baseavam. E assim, vacilante o antigo conceito da incapacidade intelectual da mulher, abalado o preconceito da superioridade do sexo masculino, a mulher vai, sem oposição dos conservadores e com a simpatia de todos os revolucionários, integrando-se na vida social, tomando o seu lugar ao lado do seu companheiro em todos os ramos da actividade humana.

Ela invade o professorado, desde o primário ao universitário; ela introduz-se nos escritórios comerciais e nas repartições públicas. Vemo-las *chauffeurs* em Paris, policia na América e na Finlândia, aviadoras e radiotelegrafistas no Brasil. Encontramo-las no jornalismo, nos laboratórios, no teatro e no cinema, como reporters e redactoras, como assistentes e directoras, como ensaiadoras e maestrinas e até como *metteur-en-scene*! Elas são médicas, dentistas, farmacêuticas, advogadas, notárias, agrônomas e engenheiras.

Em França são muitas as mulheres que exercem a profissão de advogado nos tribunais de Paris e das províncias. A primeira advogada foi Joana Chauvin cuja admissão no fôro suscitou vivas polémicas. Os sisudos varões viam com inquietação a intromissão das mulheres

numa carreira tão tortuosa. No entanto, dez anos depois, a proporção das advogadas entre os membros dos tribunais franceses era de 3 por 1.000 e hoje é muito maior.

Hoje, a advocacia é profissão aberta à mulher em todos os países europeus e americanos, e até na reacionária Espanha, há poucos dias, pela primeira vez, uma senhora se apresentou como advogada ante os tribunais. O número de mulheres inglesas nomeadas juizes e membros dos jûris aumenta consideravelmente.

As artes, as letras e mesmo as sciências contam cada vez maior número de cultores do sexo feminino; e até nos desportos a mulher ocupa papel importante, concorrendo aos campeonatos e jogos olímpicos internacionais. E todos os géneros de desporto ela cultiva desde o *football* à natação, desde o pedestrianismo à luta e à aviação.

Cremos não haver já profissão ou campo de actividade em que a mulher não tenha franqueada a sua entrada.

No campo político as conquistas femininas são também enormes. Em quasi todos os países — excepção de alguns latinos e dos balkânicos — o direito de voto é concedido às mulheres, quer para as eleições parlamentares, quer para as provinciais (Roménia) e municipais e comunais (Belgica).

Na Inglaterra onde as mulheres se batem já pelo direito de herança às cadeiras de lord, uma mulher foi secretária de Estado no governo trabalhista de Mac Donnald.

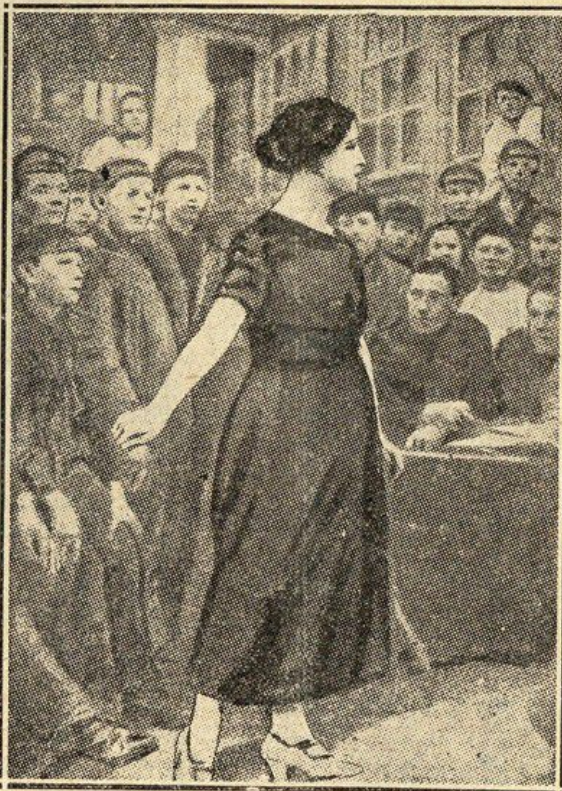
Na América do Norte é presidente dum dos Estados Unidos da República uma mulher.

No Canadá foi ministra, embora sem pasta, dum governo trabalhista, Mis. Franc Parlby, sendo de notar que foi esta a segunda mulher que no Canadá subiu às cadeiras da governação.

Na Russia, onde a igualdade política do homem e da mulher é absoluta e onde a injustiça das duas morais sexuais desapareceu dos códigos e vai desaparecendo dos



Miss Wintrigham, a segunda mulher deputada em Inglaterra



Uma propagandista operaria alemã discursando.

costumes, a mulher é comissária do povo, presidente dos Soviets e representante diplomática.

A Tcheco-Slováquia que, depois da Rússia, é o país mais avançado sob o ponto de vista feminista, pois desde 1919 as mulheres têm os mesmos direitos políticos que os homens, abriga no seu parlamento — Camara dos Deputados e Senado — a mais larga representação feminina.

Esta intromissão feminina na vida social, provando de maneira eloquente as capacidades da mulher, concorre para desfazer o preconceito vigente contrário à participação do chamado sexo frágil nos vários ramos da actividade moderna, e produzirá por sua vez uma transformação profunda — que já se vai operando — na moral e nos costumes.

Mais por estes seus efeitos do que pelo valor real destas conquistas femininas no campo político e no acesso às ocupações masculinas, ha que saudar jubilosamente o triunfo do feminismo se bem que seja lamentavel a sua falta de idealismo porquanto se limita a pedir para a mulher a igualdade com os privilegiados de hoje, contentando-se com a liberdade miserrima que as leis conferem, com a justiça condicionada e com a felicidade egoísta de hoje, sem a ância de um estado social mais humano, de uma maior justiça social. O pior e mais lamentável é que, voltando a nossa observação para o campo revolucionário popular, temos que reconhecer que é, em geral, lento o movimento reivindicador feminino com objectivo social e humano. A acção das escritoras e propagandistas que a causa da Revolução social tem possuído e possui em número relativamente elevado e de incontestável valor cultural e intelectual, faz-se mais sentir entre a massa masculina que na feminina, isto devido sem dúvida à incultura da mulher.

No campo sindical, regis-



Zuzanne Delaplace, a primeira mulher nomeada assistente de radiologia em Lariboisière—Maria Victoria Kent, a primeira advogada espanhola — Germaine Dulac, metteur en scène de cinema—De Oheim, deputada republicana independente no Reichstag.



Alexandra Kollontai antiga comissária do povo de saúde e higiene publica, e actual embaixatriz da Republica dos Soviets na Suecia.

tam-se muitas associações de mulheres mas em geral de pouca actividade e de pouco espirito revolucionário, consequência, certamente, da falta de militantes operárias. A história das lutas entre as classes trabalhadoras e a força armada defensora da burguezia, regista, no entanto, nomes de várias heroínas que serão objecto de um próximo artigo; e sintomas vários prognosticam para breve o despertar das massas operárias femininas. A discussão travada nos meios operários de todos os países sobre a forma de captar, de atrair a mulher ao sindicato, mostranos que a solução do problema da sindicalização da mulher está preocupando actualmente e vivamente o proletariado. Por outro lado, os partidos políticos da es-

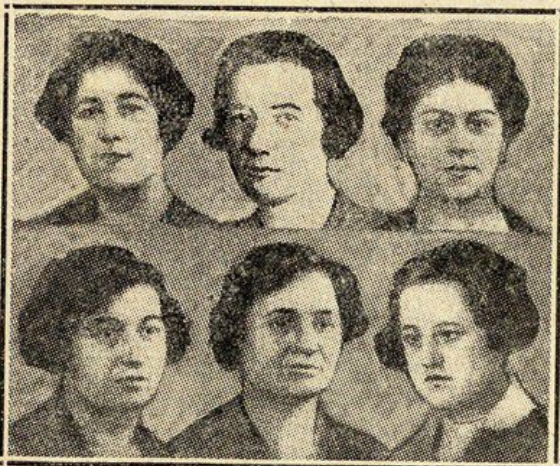
querda social desfraldam com coragem o estandarte da liberdade moral e económica da mulher, e essa agitação concorre para despertar as massas proletárias femininas.

Nas últimas eleições em França disputaram as suas candidaturas seis mulheres operárias propostas pelo bloco operário e camponês. Na Alemanha, o partido comunista dispõe de elementos femininos de agitação — dignos discípulos de Rosa Luxemburgo, glória e orgulho do feminismo social revolucionário.

E entre nós? perguntará o leitor. Que progressos tem feito o feminismo em Portugal?

Quais as regalias conquistadas pela mulher portuguesa e que ideal norteia o movimento feminista português?

Continue lendo a *Renovação* e não tardará a vêr satisfeita a sua curiosidade natural e justificada.



As candidatas do Bloco operario camponês de França ás ultimas eleições parlamentares. Da esquerda para a direita: Alice BURODEAU, Suzanne GIRAULT, Madeleine OIN, Lucienne MARRANE, Charlotte DAVY, Marguerite FAUSSECAVE.